

Representações e lugares de memória: marcas textuais em *Contos Gauchescos*

Paulo Bocca Nunes

RESUMO: O presente artigo trata das questões de representações e de lugares de memória em *Contos gauchescos*, do escritor pelotense, João Simões Lopes Neto. O objetivo é identificar a obra como Regionalista a partir de elementos que, inicialmente, fizeram parte do projeto Romântico e que foram incorporados pelos escritores locais para criar uma literatura própria e independente em contraponto à literatura que vinha do centro, mais especificamente do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; tradição; região, regionalidade; lugares de memória.

ABSTRACT: This article deals with the issues of representation and memory places in *Contos Gauchescos* of Pelotas writer João Simões Lopes Neto. The goal is to identify the work as Regionalist from elements that initially were part of the Romantic project that were built by local writers to create a separate and independent literature in contrast to the literature that came from the heart, specifically in Rio de Janeiro .

KEY-WORDS: Memória; tradição; região, regionalidade; lugares de memória.

A literatura regionalista do Rio Grande do Sul trouxe desde os seus primórdios o tema do gaúcho forte, bravo, guerreiro, destemido, o centauro do pampa e monarca das coxilhas, e todos os seus feitos e representações estão ligados a uma região específica: a Campanha. O Pampa, como também é chamado, é formado por planícies suaves e por campos planos, onde se reproduziu o gado trazido pelos espanhóis e jesuítas, desde a ocupação do território ainda no século XVI. É nesse espaço que foi criado o palco de lutas e conflitos armados e que foram constantes ao longo da ocupação do continente por parte de espanhóis e portugueses. Isso significa dizer que as lutas de fronteiras desenvolveram o ânimo belicoso, o espírito de luta e o espírito guerreiro que mais tarde foram usados nas representações do gaúcho através da literatura oral e coletado mais tarde por intelectuais, a partir do século XIX.

A representação do gaúcho surge durante o Romantismo, baseando-se no projeto de criação de uma literatura nacional e voltada para as coisas nacionais em contraponto com a cultura que vinha de Portugal e da França, e teve como mentor, o escritor cearense, José de Alencar. Foi na carona da literatura do movimento Romântico, que os escritores sul-rio-grandenses buscaram criar e consolidar uma identidade local para a região geográfica, em contraposição ao centro representado pelo Rio de Janeiro. Essa mesma literatura se caracterizou por marcas textuais que identificavam a qual região especificamente ela pertencia, e que hoje nos possibilita identificá-la como obra regionalista.

Para compreendermos como essas marcas textuais, termo usado por Maria Eunice Moreira, inicialmente, contribuem para entendermos a forma como analisamos a literatura regionalista e como ela se inscreve no sistema literário brasileiro, foi escolhida obra de Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos*, por ser uma obra fundamental nos estudos literários regionalistas. Inicialmente, eu apresento os antecedentes históricos e literários de Simões Lopes com o objetivo de apresentar os argumentos que levaram os escritores a consolidar o mito do gaúcho. A seguir, eu seleciono alguns dos contos em *Contos gauchescos*, para fazer essa análise. São eles: *Trezentas onças*, *O negro Bonifácio*, *Correr equada*, *Chasque do Imperador* e *Duelo de farrapos*.

Antecedentes de Simões Lopes Neto

do Romantismo ao Modernismo

A ocupação do território do Rio Grande do Sul iniciou em 1737 com a construção do forte Jesus-Maria-José, onde está localizada a atual cidade de Rio Grande. Nesse primeiro século de povoamento não havia um ambiente favorável para produção intelectual expressiva. Prova disso é que o primeiro documento escrito no Rio Grande do Sul apenas descreve o continente, fala das pessoas que habitavam o continente, e é de origem jesuítica, do padre Roque Gonzales em 1627. A falta de salas de ensino de primeiras letras e cálculos simples, sem falar de literatura e latim, não favorecia o desenvolvimento intelectual que propiciasse o nascedouro de textos líricos ou narrativos. A distância para o Rio de Janeiro, a metrópole da época, mais as dificuldades das viagens por mar ou terra, e os conflitos entre portugueses e espanhóis pelo domínio do território não estimulavam a vinda de educadores.

Entre os séculos XVIII e XIX foram deflagrados muitos combates e conflitos armados envolvendo as duas nações ibéricas na América do Sul. Entre esses citamos a luta pela Colônia do Santíssimo Sacramento, ao sul do Uruguai, cuja fundação remete ainda ao ano de 1680, e de onde partiram mais tarde (1737) os portugueses que povoaram Rio Grande. Inclusive esse mesmo forte sofreu a invasão de Cevallos, em 1763, com a queda da fortificação, e sendo retomada pelos portugueses apenas em 1776 depois de travada aquela que foi considerada a maior batalha naval da história sul-rio-grandense. Outra localidade marcada por lutas foi o forte de Rio Pardo, sob o comando de Francisco Pinto Bandeira, e que ostentou o nome de “Tranqueira Invicta” devido à resistência oferecida por seus soldados aos ataques inimigos, tanto de índios quanto de espanhóis. Mais famoso que o pai, Francisco, foi Rafael Pinto Bandeira que nunca perdeu uma batalha e que, mesmo sendo acusado de tomar terras e de ter roubado gado, indo a julgamento, foi agraciado com a intervenção da rainha D. Maria I que mandou parar com o processo. Com esses nomes e outros que a História registrou, ainda assim não foi criada uma literatura épica que cantasse os feitos de guerra e fizesse deles um culto de memória. Ao contrário, foi o gaúcho anônimo que recebeu a incumbência de ser transformado em elemento de culto e de representação.

Segundo Da Silva (1924) o primeiro poeta eminente do Rio Grande do Sul foi Manoel de Araújo Porto-Alegre, porém esse não compôs nenhum poema que fizesse referência às lutas e guerras que foram travadas no estado, no período heroico. Seus poemas, entre eles destacando Colombo, tem ligação com o Romantismo. Não houve no estado, entre seus primeiros poetas, o espírito épico que narrasse os feitos heroicos que pudesse “traduzir, fragmentariamente, ao menos, em trovas avulsas, ou páginas dispersas, mas

com veemência e colorido próprios” (DA SILVA, 1924, p. 36). E ainda acrescenta:

Até mesmo nosso folclore é pobre de manifestações desse gênero. As guerras não inspiraram nenhuma canção heroica à lira anônima do povo. O pouco que existe é composto de quadras geralmente insulsas, inexpressivas, e se refere mais às figuras principais das revoluções de 35 e 93 do que aos grandes soldados que se cobriram de glória na Argentina, na Banda Oriental e no Paraguai (DA SILVA, 1924, p. 36-37).

A lírica sul-rio-grandense, por outro lado, e para não dizer que não houve produção nesse sentido, teve de mais típico o amor, “principalmente aquelas que interpretam bruscas e rudes crises passionais” (DA SILVA, 1924, p. 38) tendo a mulher como inspiradora dos trovistas anônimos e que ficaram registrados nos cancionários populares.

A produção literária no Rio Grande do Sul teve início com Caldre e Fião quando ele publicou *A divina pastora* (1847), considerado o segundo romance na história da literatura brasileira e o primeiro no Rio Grande do Sul. Depois desse veio *O corsário* (1851), romance que tem como pano de fundo a Revolução Farroupilha. Esse último, já no seu primeiro parágrafo nos oferece uma indicação de lugar onde se formaria o que muitos escritores chamaram “uma nova raça”, brava e guerreira e que, mais tarde, foi representada na figura do gaúcho. Esse parágrafo apresenta a localização, através de latitudes, da Lagoa dos Patos onde “habita uma nova espécie de homens, de caráter diverso de todos aqueles que nas outras regiões vivem à custa do suor alheio, pois que apresentam um natural bom e hospitaleiro, apesar de sua fereza e temeridade, próprias a todos os homens que vivem afastados da sociedade” (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 35).

Alguns anos mais tarde, ou precisamente em 1868, foi fundada a Sociedade Parthenon Literário, órgão que efetivamente formou e consolidou um sistema literário no Rio Grande do Sul, e que abrigou grandes pensadores e escritores com o objetivo de dar fomento às Letras no Estado. Tendo como figura principal Apolinário Porto Alegre, alguns dos temas mais frequentes nas publicações e nos trabalhos individuais de seus principais integrantes, foram a Revolução Farroupilha, a exaltação à terra e ao gaúcho da Campanha.

Com a intenção de colocar em prática um projeto nacional de literatura onde fosse feita uma integração através da exaltação de suas regiões, José de Alencar publica, em 1870, *O gaúcho*. A obra causou grande descontentamento entre os literatos do Rio Grande do Sul, pois esses não concordavam com a construção da personagem de Manuel Canho e da forma como Alencar descrevia a paisagem, pois nunca vivera no estado ou sequer viera conhecê-lo. Como uma resposta ao romance de Alencar, um dos nomes mais iminentes do Parthenon Literário, Apolinário Porto Alegre, publica em 1872 *O vaqueano*. Da mesma forma, em sua obra, *Provincianas* (1886), Bernardo Taveira Jr acusa Alencar de ter escrito um romance em que “tratou do campeiro do Rio Grande do Sul, dos seus hábitos

e costumes, sem nunca ter presenciado nada disso” (TAVEIRA JR., Bernardo, 1986, p. 21). Nas duas obras há descrições que se diferenciam entre si a partir do ponto de vista do narrador. Em *O gaúcho*, logo no início do romance encontramos a descrição do lugar, do pampa, da terra onde vive o gaúcho mítico:

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e coxilhas que figuram as flutuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidade dos mares.

É o mesmo ermo, porém selado pela imobilidade, e como que estupefato ante a majestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um pássaro erradio, demandando a sombra, longe na restinga de mato que borda as orlas de algum arroio. A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; ei-lo que se vai retouçando alegremente babujar a grama do próximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado; é o átomo envolto numa dobra do infinito. A âmbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. Mas em ambas a cena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante flutuação; têm uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento; há nelas uma fisionomia, um gesto.

A tela oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra possante vitalidade. O mesmo pego, insondável abismo, exuberava de força criadora; miríades de animais o povoam, que surgem à flor d'água.

O pampa ao contrário é o pasmo, o torpor da natureza. (ALENCAR, 2000, p. 6)

A descrição que Alencar faz da paisagem gaúcha, e que traz todos os traços do espírito Romântico, apresenta uma natureza com sua beleza particular e exótica, mesmo em contraste com outras descrições em seus romances anteriores, com é o caso de *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865). Contrastando com Alencar, Apolinário Porto Alegre descreve outra paisagem, outra natureza:

O inverno desatava as madeixas emperladas de gelo, tão triste que magoava o coração e despertava ideias sombrias, como céus e terras.

Não sei que íntima e mística afinidade existe entre a natureza e a alma humana, que a morte-cor de uma se reflete na outra como em bacias de límpidas águas, que o murmúsurdo e merencório desta, como num tímpano, encontra ecos naquela.

O inverno é um cemitério Sazão de morte que não poupa a terna vergôntea, nem as catassois da asa do colibri! Por isso o calafrio que se sente quando ele se aproxima, o terror que vaga na floresta e na campina, a palidez do manto de verduras, a ausência dos cantores plumosos... e depois o minuano! Como é cruel, ele que fustiga a árvore secular, que aspergia doce sombra no ardor da sesta, até lhe arrancar uma por uma as folhas de seu diadema! que cresta a várzea há pouco vicejante alfombra! que torna a linfa de onda argentina e anódina, fria como uma geleira, silenciosa como um ermo, ingrata ao lábio na excitação da sede!

Essas descrições demarcam um espaço em que irá atuar o gaúcho que é representado e encontrado nos cancioneros populares e nos romances regionalistas de autores sul-rio-grandenses. A descrição da paisagem local faz parte do projeto Romântico que iniciou com Alencar e foi assimilado por autores como Cezimbra Jacques, considerado o precursor do tradicionalismo rio-grandense que publica, em 1883, *Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, onde faz descrições da geografia do Rio Grande do Sul, enaltece o habitante, sua força e coragem, bem como a sua história. Já em 1912, Cezimbra Jacques publica *Assuntos do Rio Grande do Sul*, onde fala de sua preocupação em manter as tradições, os costumes e a sua cultura através das danças, da poesia e de suas lendas. O escritor santa-mariense deixa claro que é preciso registrar e manter a cultura do Rio Grande do Sul, pois essa está em vias de desaparecer. Nesse último livro, ele traz algumas das lendas que ficaram conhecidas com o próprio Simões Lopes Neto e mais tarde com Barbosa Lessa.

Simões Lopes publica, em 1910, *Cancioneiro guasca* e na introdução ele deixou claro que a sociedade sul-rio-grandense na época “transmutou-se” e que as maneiras dos atuais eram “diferente maneira de ser dos descendentes continentistas”. Com um ar saudoso ele encerra:

Seja esse livrinho o escrínio pobre; mas, que dentro dele resplandeça a ingênua alma forte dos guerrilheiros, campesinos, amantes, lavradores; dos mortos e, para sempre, abençoados Guascas! (LOPES NETO, 1954, p. 11).

Dois anos depois, o autor pelotense volta a usar o mesmo tom melancólico e saudosista na apresentação de *Contos gauchescos*. Inicialmente, ele fala de suas andanças pelo estado, dando ênfase às suas andanças pela campanha, descrevendo a paisagem típica e o narrador ao qual ele iria passar a palavra, Blau Nunes, é descrito como um “genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado)” (LOPES NETO, 1998, p. 13). Além de muitos adjetivos ao vaqueano, Simões coloca em Blau a marca da oralidade ao elogiar a sua “memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco” (LOPES NETO, 1998, p. 14).

Nessa primeira análise destaquei como os autores fizeram a descrição do espaço geográfico. Nos romances que citamos aparecem outros pontos importantes que representam o lugar de memória e que Maria Eunice Moreira chamou de marcas textuais e são esses que passaremos a analisar no próximo capítulo junto tomando como base de pesquisa alguns dos contos de Simões Lopes Neto.

As marcas textuais em *Contos Gauchescos*

Ao findar a introdução de *Contos gauchescos*, as palavras de Simões Lopes deixa transparecer o sentimento de saudade de um tempo e de um tipo regional que não existe mais, e que está representado em Blau Nunes, “Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado)” (LN¹, p. 14). Ao dar voz de narrador a esse homem de oitenta e oito anos de idade, Simões Lopes alerta as novas gerações para tomarem conhecimento de seu passado: “Patrício, escuta-o” (LN, p. 14).

A criação literária de Simões Lopes constitui-se de um projeto que teve início no século XIX e se estendeu pela primeira metade do século XX, com o intuito de criar uma literatura própria e independente, dando existência a uma região específica através da enunciação da cor local e do tipo humano dotado de qualidades e de uma linguagem que o diferencia de todas as outras regiões do Brasil. É um projeto pensado e construído tendo como finalidade criar uma identidade local que se diferencie de outras identidades, e preservá-la. A isso Joachimsthaler chamou de modelos identitários e que “identificam um determinado contexto local com ‘seus’ cidadãos e sua ‘cultura’, com uma benvinda ‘unidade’ regionalmente professada” e são esses projetos culturais, construídos e preservados, que “permitem que regiões se tornem pátria” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 28).

A obra de Lopes Neto consolida um programa regionalista para criação de uma identidade cultural dentro de uma região específica. A partir dos estudos sobre região e espaços culturais na Alemanha, Joachimsthaler apresenta duas instâncias eficazes e capazes para o êxito de uma ação sensibilizadora voltada para a criação de um espaço cultural significativo e identitário: os governos com suas administrações e as instituições regionais de ação cultural semântica.

Especificamente, em se tratando de Rio Grande do Sul, os governos têm dado todo apoio à cultura tradicionalista e que é controlada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Sobre as instituições, a mais importante foi o Parthenon Literário, criado em 1868, com a participação de vários literatos, entre eles José Antônio do Vale Caldre e Fião, Apolinário José Gomes Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Lobo da Costa, Múcio Scévola Lopes Teixeira, Luciana de Abreu, entre outros. Outro nome importante foi Cezimbra Jacques que, em suas obras (*Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul* – 1883; e *Assuntos do Rio Grande do Sul* – 1911) registra claramente a sua preocupação com o desaparecimento dos costumes dos antigos habitantes e alerta para que fossem feitas pesquisas para a coleta desses costumes antes que desaparecessem. Ainda sobre o autor, tudo aquilo a que ele se refere, diz respeito aos costumes e ao tipo gaúcho da Campanha.

¹ Daqui por diante, para não repetir constantemente as mesmas informações, ao invés de LOPES NETO e o ano de publicação do livro, usaremos apenas as iniciais LN e o número da página.

Esse cenário que apresento, comprova que houve mais de um “sujeito semantizador” que atribuíram “à região uma particularidade como seu sentido”, construindo um pertencimento que consolidou “mitos regionais, estereótipos próprios, mas também ritos e hábitos, particularidades linguísticas e modos de comportamento formadores de hábitos” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 31).

A região da Campanha tornou-se, portanto, em “condensação de espaço cultural” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 40) e foi usada principalmente por Lopes Neto para a construção de uma identidade regional e foi essa condensação que atribuiu sentido para o caráter identitário do próprio espaço.

A obra de Lopes Neto alcançou o status universalista, mas não foi assim desde o princípio, pois suas obras permaneceram “por algumas décadas praticamente restritas ao âmbito regional de circulação” (ARENDR, 2011, p. 222), mudando o alcance em 1949 e se consolidando a partir da década de 1960 quando suas obras foram publicadas por outras editoras fora do estado do Rio Grande do Sul. A produção literária de Lopes Neto “encontrou postumamente canais editoriais, críticos e de recepção para ultrapassar a região em que viveu, publicou e que representou, e isso já constitui um indício não de seu caráter universal, mas do valor e do significado atribuídos a sua obra ao longo do tempo” (ARENDR, 2011, p. 223).

Ao analisar a literatura mexicana, especificamente a de fronteira com os Estados Unidos, o autor afirma que haverá uma compreensão da literatura, se houver desde o começo a precisão do espaço dentro do qual “tenderá a mover-se a crítica encaminhada a esclarecer as peculiaridades do fazer literário regional – antecedentes históricos, perspectivas e condições sociais” (BERUMEN, 2005, p. 40). Berumen estabelece algumas premissas para o trabalho de investigação sobre as regiões literárias. A primeira fala que:

a delimitação territorial do fenômeno literário regional não implica automaticamente à identificação entre esse último e o que seria propriamente uma região geográfica, tampouco para identifica-la com uma região entendida em termos estritamente econômicos ou políticos (BERUMEN, 2005, p. 40-41).

No caso de Lopes Neto, a obra *Contos gauchescos* apresenta o que ele próprio disse ser um genuíno tipo gaúcho, referindo-se a Blau Nunes, ou seja, Lopes Neto criara uma personagem que representasse o tipo regional de todo o estado do Rio Grande do Sul, e o que está evidente é que, na verdade, é um tipo identificado com a Campanha gaúcha.

A segunda premissa diz que a literatura regional não pode ser concebida “à margem da realidade social dentro do qual ela se origina, e tampouco como a expressão mais ou menos aleatória da dita realidade” (BERUMEN, 2005, p. 43). A terceira, por sua vez, afirma que a “literatura regional é parte ativa e somente expressão imaginária dos processos

histórico-sociais que ajudam a conformar uma determinada região” (BERUMEN, 2005, p. 44). O autor ainda acrescenta:

A região não se encontra nunca desligada da existência de uma determinada identidade cultural e que, estabelecida no território e na tradição histórica, expressa a maneira como uma comunidade se reconhece e se manifesta. Existe através de um sentimento de pertença que se expressa em uma identidade regional (BERUMEN, 2005, p. 52).

Para confirmar o pensamento de Berumen, o Rio Grande do Sul teve um histórico de lutas e conflitos que foram o mote para uma literatura popular que cantava os feitos do tipo regional bravo e guerreiro representado no gaúcho da Campanha. Foi esse processo histórico-social que, levado inicialmente para a literatura oral e, mais tarde, foi transformado em projeto cultural identitário por intelectuais, e que se espalhou de forma a transmitir um sentimento de pertença a todos os que são originários da região cultural identificada.

No tocante à região, devemos pensa-la inicialmente como processos de regionalização focalizando, entre outros, “a partir de dinâmicas espaço-temporais efetivamente vividas e produzidas pelos grupos sociais” e que a “regionalização deve estar sempre articulada numa análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que eles estabelecem” (HAESBAERT, 2010, p. 6). O mesmo autor ainda acrescenta:

A regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas (HAESBAERT, 2010, p. 8).

As representações regionais podem ser encontradas através de uma análise nas suas marcas textuais que encontramos nos textos literários. Conforme foi dito acima, não se restringe apenas ao espaço físico geográfico, mas também onde se desdobram ações e acontecimentos que se estratificam no imaginário e circulam nas diversas formas criadas pelos sujeitos semantizadores, estabelecendo o sentimento de pertença ao passar adiante todas as manifestações artísticas que fazem parte do seu projeto cultural identitário, consolidando assim o seu próprio modelo.

A análise baseia-se no estudo feito por Maria Eunice Moreira. A autora inicialmente descreve uma breve trajetória da literatura no Rio Grande do Sul entre 1870, no período Romântico, e 1920, quando está para iniciar o período Modernista. Ela também aponta a diferença entre o regionalismo visto pelos românticos e o ressaltado pelo Realismo e que “no primeiro, havia um sentimento de idealização, de caráter otimista, de exotismo, ainda

que se concretizasse a vontade de retratar o brasileiro, o nacional”. No segundo, o esclarecimento é de Afrânio Coutinho que a própria autora cita, como sendo “graças ao senso da verdade do Realismo, a mentalidade literária brasileira perdeu o sentimentalismo na consideração da regionalidade”. Dessa forma, se passa a “explorar o humano nas suas correlações com o meio, a linguagem, a paisagem e a cultura de uma determinada região” (MOREIRA, 1982, p. 27)². O certo é que o Regionalismo valorizou a cor local, revelou o Brasil, procedeu a um levantamento das peculiaridades regionais e, mesmo quando desvinculado do campo literário, constituiu um acervo de informações sobre as regiões brasileiras. Em conjunto, o regionalismo inseriu-se no grande projeto de formação de uma literatura brasileira autônoma.

No capítulo 3 de *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul* (1982), a autora explica quais são as marcas textuais encontradas em textos regionalistas. Para ilustrá-las, vamos analisar os textos *Trezentas onças*, *O negro Bonifácio*, *Correr eguada*, *Chasque do Imperador*, e *Duelo de farrapos* de *Contos gauchescos* de Simões Lopes. A primeira marca textual seria a paisagem. A descrição da paisagem é marcante desde o Romantismo; a busca pela cor local e o exótico que diferenciem de outros lugares. Alguns títulos já apontam para a descrição da paisagem como uma forma referencial. A paisagem pode ser mostrada como uma forma de oposição e de uma ação sobre o homem.

Na introdução de *Contos gauchescos*, Simões Lopes faz uma longa e minuciosa descrição dos lugares por onde passou: pelas areias do litoral; nas ilhas da Lagoa Mirim; na coxilha de Santana; em alguma parte dos rios Uruguai e Ibicuí; nas proximidades do cerro do Caverá, no forte de Santa Tecla, em Bagé; em São Gabriel, Tupanciretã, Santa Maria, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Soledade, onde passou por “um formigueiro humano na zona colonial” (LN, 1998, p. 13). O narrador afirma ter visto e conhecido todas as coisas que identificam o trabalho pastoril, atividade identificada com o gaúcho da campanha e, como num suspiro poético e romântico, onde se manifesta uma sublimada exaltação, afirma que guardará na memória as lembranças de tudo quanto viu e que “o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heroicos, pela integração da Pátria comum” (LN, p. 14).

No primeiro conto, *Trezentas onças*, Blau narra um caso acontecido com ele mesmo quando levava uma guaiaca com o dinheiro do patrão para comprar gado. Depois de nadar num riacho e esquecer a guaiaca sobre uma pedra, e ter chegado a uma estância para pernoitar, ele percebe que está sem o objeto e volta apressado para resgata-lo. No caminho, a paisagem contrastava com a tensão em que estava Blau:

² Todas as citações direta deste parágrafo são da mesma autora e estão na mesma página.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas (SL, p. 17).

Ao chegar ao local onde esquecera a guaiaca, já noite, e não a encontrando, Blau decide dar fim na sua própria vida, pois imagina que seu patrão nunca acreditaria que ele perdera todo o dinheiro. Ao colocar o revólver no ouvido, Blau vê o reflexo das Três Marias no espelho de água do riacho, sente o cãozinho que o acompanha lambendo sua mão, ouve o relincho do cavalo e um grilo retinir. Com isso ele desiste do ato macabro e ainda justifica dizendo que tudo fora um mandado de Deus: “o cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança” (LN, p. 19). Foi esse ambiente com seus agentes (no caso, o reflexo das Três Marias na água do riacho, o cachorro, o cavalo e o grilo) que influenciou o homem, “genuíno tipo – crioulo – rio-grandense” plenamente identificado com o ambiente, a desistir de seu intento.

Em outro conto, *Correr eguada*, Blau Nunes fala saudoso de um tempo em que os campos eram abertos e “as estâncias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes; as divisas de cada uma estavam escritas nos papéis das sesmarias; e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedra nas linhas, e isso mesmo quando aparecia algum piloto que fosse entendido do ofício e viesse bem apadrinhado” (LN, p. 51). Blau narra em detalhes a tarefa de alçar o gado xucro num tempo em que os campos eram abertos. Foi “logo depois da guerra do Oribe”, e aconteceu “nos campos do major Jordão” onde havia em torno de “dez mil baguais entre éguas e potros orelhanos, cavahada largada, reiúna e marcada, que toda virou haragana, nos pajonais” (SL, p. 51), e para essa empreitada vieram vários homens de todas as partes, todos identificados como sendo de muito valor no laço e nas boleadeiras. Toda a preparação para alçar o gado é narrado de forma quase épica, com o dono da estância organizando todos os homens que vieram para a tarefa, até o arremate dos cavaleiros para cima da bagualada.

Lá adiante, o mesmo barulho; noutra ponto, igual; dum rindo, numa trepada de coxilha, numa descida de canhada, rufando duma restinga, os lotes de eguariços iam se encontrando, entreverando-se; os campeiros vinham chegando e a gritos, a cachorro, a tiro, ia-se tocando a bagualada de cada querência; de todos os lados cruzava-se a contradança, que se encaminhava sobre uma linha já combinada; e aos poucos ia crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redemoinhava, espirrava, tornava a embolar-se... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadas (LN, p. 53-54).

Em *O negro Bonifácio e Chasque do Imperador*, podemos interpretar a paisagem

como sendo o local de reunião desse tipo gaúcho, mas em situações diferentes. No primeiro conto, há uma carreira entre “o picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico” (LN, p. 21). Essas carreiras eram uma das poucas distrações que havia para essa gente da Campanha no período ao qual se referia Blau Nunes em suas narrativas. Para assistir ou para apostar seu dinheiro na carreira, “tinha acudido um povareu imenso”. Entre esse, estava o Negro Bonifácio, homem “maleva”, “pachola” e um “taura” na opinião de Blau. Bonifácio envolve-se com a Tudinha, uma mulher desejada por muitos, entre eles o próprio Nadico. Numa confusão causada por Bonifácio que se envolveu numa briga com Nadico, “vinte ferreas faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido”. A “peleia” terminou com a morte dos dois principais contendores e “o chão ficou esticado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto” (LN, p. 25). É compreensível encontrar aqui um quadro onde se percebe o espírito do gaúcho sempre disposto à luta, ao confronto em que faz uso de suas armas características, nesse caso o facão, e sem temer o adversário, seja ele quem for, e a morte. Ao descrever o chão coberto de sangue, também constatamos uma alegoria dos campos onde se travavam as tantas guerras em território sulino.

No outro conto, também é o campo de luta o principal cenário, porém aqui há outro elemento: as relações entre soldados e seus superiores. Blau Nunes é indicado para ser o ordenança do imperador e, ao ser apresentado a esse, não faz muita cerimônia, mesmo que mantenha todo o respeito apesar de sua rudeza. Da mesma forma, o imperador se mantém acessível a todos do acampamento militar permitindo o contato com os soldados. O campo de batalha foi representado pelos escritores como sendo um lugar em que há igualdade de tratamento, mesmo havendo a distinção de hierarquia. Essa é uma das mais claras representações do gaúcho: de espírito livre que, tendo a imensidão do pampa a sua frente, não se submeteria a outra forma de convívio. Os escritores em geral, manifestaram esse convívio de igualdade também entre estacheiros e peões.

Em Duelo de farrapos, Blau é testemunha de um fato histórico: o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires, tendo sido ferido o segundo e que resultou na sua morte quatro dias depois. O duelo deu-se em uma restinga e, enquanto Blau observava os dois contendores, um sabiá cantava e ele observava que:

era tão desconchavado aquele canto que chora no coração da gente, com aqueles talhos que cortavam o ar, que eu, que já tinha lanhado muito cristão caramuru, eu mesmo, fiquei, sem saber como, com os olhos nos peleadores, os ouvidos no sabiá, mas o pensamento andejando... (LN, p. 105).

O tipo de lugar onde aconteceu o duelo é o mesmo de tantas lutas travadas pelos gaúchos ao longo da história: o campo aberto. E naquele cenário, onde se deu o fato nar-

rado por Blau, o velho vaqueano ainda filosofou sobre o contraste entre o canto do sabiá na restinga, e o sangue de Onofre Pires que caía sobre a terra.

Outra marca textual diz respeito ao modo de ser da personagem principal e das outras personagens. Nesse aspecto, temos as características emocionais, que é quando a personagem carrega uma carga emocional acentuada e provoca compaixão, simpatia, alegria e a tristeza do leitor. No caso de Blau Nunes, o narrador, ele coloca muita carga emocional sobre o que fala quando se refere às coisas do passado. Como é o caso de Correr eguada:

É verdade que há muita cousa boa, isso é verdade... mas ainda não há nada como antigamente, tomar mate e correr eguada...
Xô mico!... Vancê veja... eu até choro!...
Ah! Tempo... (LN, p. 55)

Em outra passagem, desta vez em Trezentas onças, Blau Nunes expõe o seu sofrimento quando esteve prestes a dar fim a sua vida ao não encontrar a guaiaca com o dinheiro do patrão:

Patrício! Não me avexo de duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção (LN, p. 19).

As características espaciais são aquelas que relacionam as personagens ao campo, à Campanha, às atividades pastoris e que identifique o gaúcho. Há vários exemplos desse tipo. Uma delas, e já citada, está em Trezentas onças, no momento em Blau Nunes se prepara para suicidar-se é a presença do local, da natureza e de seus integrantes, representados pelo cachorro, o cavalo e o grilo, bem como o reflexo das Três Marias no espelho d'água do arroio, que o demovem do tento. A relação próxima entre homem e ambiente, e as representações que cada elemento tem para Blau, foram mais fortes, mais importantes que a sua própria intenção de matar-se.

Ainda sobre essa característica, encontramos outro exemplo em Correr eguada. Blau Nunes fala nas estâncias e nas sesmarias, duas coisas que foram bastante relacionadas à história de formação do Rio Grande do Sul nos primeiros séculos do seu povoamento. A referência ao gado que se multiplicava pelos campos, e que despertou o interesse dos portugueses na ocupação do território também é uma forma de caracterizar espacialmente a região. E no momento em que os homens se preparam para alçar o gado, Blau dá os detalhes do espaço:

Lá adiante, o mesmo barulho; noutra ponto, igual; dum rindo, numa trepada de coxilha, numa descida de canhada, rufando duma restinga, os lotes de eguariços iam se encontrando, entreverando-se; (LN, p. 53).

As características físicas e externas são as mais marcantes, pois remetem especificamente a um tipo criado pelo imaginário popular e consolidado literariamente, e que está identificado com uma região específica. O gaúcho representado deve ser “forte, altivo e orgulha-se de sua constituição física porque representa uma raça” (MOREIRA, 1982, p. 47). Também os seus trajes são uma forma de identificar o representante típico da região da Campanha gaúcha. Muitos são os exemplos. Uma delas é a guaiaca de Blau e o balandrau que usavam os tropeiros que com ele cruzaram na estrada, em Trezentas onças. A outra é encontrada em *Correr eguada*:

Amigo! Quando foi aos três dias da lua nova a estância estava apinhada de gauchada. Como uns oitenta e tantos torenas, campeiraços destorcidos, domadores e boleadores de fama.

...

E a gauchada quase toda de em pêlo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na cabeça; tudo em mangas de camisa e faca atravessada. O mais maula levava pelo menos dois pares de bolas; três pares, isso era a rodo, e havia torena que chegava a levar cinco: um na mão, os outros na cintura. (LN, p. 52).

A descrição física não era restrita aos homens do campo, mas a mulher também. É o caso de Tudinha, em *O negro Bonifácio*, que Blau descreve como “chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos” (LN, p. 21) e que era:

Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde. Tinha os pés pequenos e as mãos mui bem torneadas; cabelo cacheado, as sobrancelhas finas, nariz alinhado (LN, p. 21).

Essa comparação da mulher com um elemento da natureza é típico da literatura regionalista. O jerivá é uma árvore que cresce reto, é alta e delgada. Ao comparar Tudinha com um jerivá, Blau usa de seu conhecimento rústico e bruto para conferir as mesmas características da árvore para a mulher.

As características externas não necessariamente se referem apenas ao indivíduo homem ou mulher, mas àquilo que compõem o tipo regional. O cavalo, por exemplo, sempre foi de grande importância para o gaúcho, e sendo cantado largamente em várias quadras coletadas e que foram registradas nos cancionários populares. A forma como o gaúcho cuida de seu cavalo o caracteriza também. Um exemplo vem de *O negro Bonifácio* quando ele chega ao local onde acontecerá a carreira, montado em seu cavalo e trazendo uma mulher:

E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo!... (LN, p. 22).

Seguindo a análise, passo para outro ponto, as características morais que mostram o gaúcho valente, honrado, leal, honesto, franco, bom de índole e que a “valentia reveste-se de máxima importância, porque o título de monarca das coxilhas, almejado pelo gaúcho herói, está condicionado a sua demonstração” (MOREIRA, 1982, p. 53). Em todos os contos essa característica está presente. Blau Nunes fala de seu antigo patrão que era “um charqueador de contas mui limpas” (LN, p. 16) e o próprio Blau, por suportar ser chamado de ladrão por ter perdido as trezentas onças e decide se matar. Ao final do conto, Blau retorna à estância onde iria pernoitar e encontra a guaiaca sobre a mesa, pois ela fora encontrada pelos tropeiros pelos quais ele passou quando foi buscar o objeto que deixara à beira do arroio. Aqui vemos duas coisas que marcaram muito a representação do gaúcho: a sua honra que estava acima de tudo e a honestidade.

Em Duelo de farrapos, Blau destaca a honradez dos dois contendores, Bento Gonçalves e Onofre Pires. Primeiramente, o duelo aconteceu pelo fato de Onofre Pires ter ofendido Bento Gonçalves na frente de outras pessoas, e o chefe da Revolução Farroupilha decidiu pela justa para lavar a honra. Durante o duelo, Blau descreve que Bento Gonçalves cravou a espada no chão para tirar o tacão que havia soltado da bota e Onofre Pires não o atacou:

Nisto o general pulou pra trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara.
O coronel encruzou os braços, e a espada dele ficou dependurada da mão, como dum prego.
Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual... aqueles não eram gente disso, não? (LN, p. 105).

E logo em seguida, quando Bento Gonçalves fere Onofre Pires, foi a vez do General mostrar a sua honradez e índole:

Os ferros iam tinindo, E nisto, o coronel deu um —ah! — furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...
Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual! aqueles não eram gente disso, não!
O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom jeito.
Pegou o braço, viu o ferimento; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho para estancar o sangue.
O outro, calado, nem gemia.
Depois o general tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou pra cá... (LN, p. 105).

O Relacionamento social tem uma representação toda especial no gaúcho, pois “a duplicidade da vida do gaúcho, constantemente dividida entre o pastorear e o guerrear, é que fundamenta o estudo das relações sociais, uma vez que oportuniza o aparecimento

da relação patrão/peão, na primeira situação, e comandante/soldado na segunda situação” (MOREIRA, 1982, p. 57). É mantida a igualdade, por exemplo, no tratamento no campo de batalha como é encontrado em *O chasque do imperador*. O imperador e sua comitiva juntaram-se ao exército que rumava para Uruguaiana e libertá-la do cerco aos espanhóis e, ao pedir um ordenança, Blau Nunes é apresentado e fala como se a sua frente estivesse um homem como outro:

— O senhor imperador vai ficar mal servido: sou um gaúcho mui cru; mas para cumprir ordens e dar o pelego, tão bom haverá, melhor que eu, não! (LN, p. 59).

E logo em seguida, ao ser perguntado por Duque de Caxias se Blau o conhecia, o vaqueano respondeu:

— Como não?!... Desde 45, no Ponche Verde; fui eu que uma madrugada levei a vossa excelência um ofício reservado, pra sua mão própria... e tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel... Vossa excelência mandou-me dormir e comer na sua barraca, e no outro dia me regalou um pi-caço grande, mui lindo, que... (LN, p. 59).

Ao referir que Duque de Caxias o mandou dormir e comer na sua própria barraca, Blau quer destacar a relação de igualdade que existia nos tempos antigos. Que havia, sim, uma hierarquia, mas que todos os homens eram iguais perante o trabalho e durante a guerra.

O gaúcho é identificado com a dupla função de pastorear e guerrear, e é em função dessas duas atividades que ele surge como herói. No modo de fazer, a personagem, mesmo sendo mostrada como má, mas que domina a lida campeira, recebe o reconhecimento. E esse saber fazer elimina as diferenças entre as classes sociais, e valoriza o homem independente de sua condição social ou riqueza. Da mesma forma, não basta ao gaúcho fazer a ação por fazê-la, é preciso ter domínio do que faz.

Em *Correr eguada* chegaram “oitenta e tantos torenas, campeiraços destorcidos, domadores e boleadores de fama” (LN, p. 52) para alçar o gado, e Blau Nunes descreve todo o processo de captura, de como o gaúcho lança as boleadeiras e amarra o animal, tendo o cuidado inclusive de saber quais os tipos de boleadeiras a serem usadas:

E tudo boleadeiras mui bem feitas, de pedra pequena; porque vancê sabe que o cavalar tem o osso mais quebradiço que a rês — e vai, se toma de mau jeito um bolaço pesado, aí no mais já temos um avariado.
Pois é: as três-marias retovadas a preceito; e as sogas macias, pra não cortar. (LN, p. 52).

Finalizando a análise dos textos em busca das marcas textuais que identificam a literatura regionalista, falemos do tempo. Na literatura regionalista o passado é uma tentativa de recuperação da identidade. A carga atribuída ao antigamente consagrou a figura do gaúcho como uma representação. Em cada narrativa, Blau relembra com os suspiros da saudade, e por vezes até derramando lágrimas, de um tempo que já passou e, em alguns momentos, como em *Correr eguada* e *Chasque do imperador*, o velho vaqueano enfatiza a sua participação nos eventos ao seu interlocutor, como se quisesse mostrar que ele foi testemunha ocular de uma época que estaria acabando. De forma definitiva, Simões Lopes Neto consagrou um tipo regional, na figura de um vaqueano, assim como outros autores consagraram o peão de estância, muito mais do que o proprietário de terras ou os líderes da Revolução Farroupilha.

A obra de Lopes Neto se apresenta, portanto, como Literatura Regionalista no momento em que participa de um projeto de construção identitário, e como Literatura Regional por apresentar os usos e costumes, tanto de vida quanto linguísticos, a Campanha gaúcha, o que pudemos constatar pelas suas marcas textuais. Essa mesma Campanha que, principalmente na obra de Simões Lopes Neto, foi transformada em lugar de memória, transformada em pátria onde nasceu, viveu e, pelas próprias palavras de Blau, estava desaparecendo. O livro todo vem em tom de nostalgia e essa se expressa na literatura regional, ou seja, a nostalgia de identidade regional. Ao final de tudo isso é o “que a todos reflete na infância e onde ninguém esteve: pátria” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 34).

Bibliografia

ALENCAR, José de. **O gaúcho**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

ARENDDT, João Cláudio. **Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria**. Revista Anpoll, Vol. 1, No 28 (2010). Disponível em <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/164>>. Acesso em março 2013.

BERUMEN, Humberto Félix. **La frontera em el centro: ensayos sobre literatura**. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005,

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário**. Porto Alegre: Movimento, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**. Antares, nº 3 - Jan-Jun 2010.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. **A literalização da região e a regionalização da literatura.** Antares, nº 2, jul-dez 2009.

LOPES NETO, João Simões. **Cancioneiro guasca.** Porto Alegre: Globo, 1954.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos.** São Paulo: Ática, 1998.

MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST/ICP, 1982.

PORTO ALEGRE, Apolinário. **O vaqueano.** Rio de Janeiro: Três, 1973.

SILVA, João Pinto da. **História da literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1924.

TAVEIRA JR., Bernardo. **Provincianas.** Porto Alegre: Movimento, 1986.

Para citar este artigo:

NUNES, Paulo Bocca. Lendas indígenas: a questão do narrador. **Revista Tempo Cultural** [on line]. Edição 1: Sapucaia do Sul, Aedos Editora, 2016. p. 30-43. Disponível em <<http://aedoseditora.com/revista-litere>>.

Paulo Ricardo Bocca Nunes

Nasceu em Canoas, RS, em 1961. Graduado em Letras pela FAE-
-ISSE, de Sapucaia do Sul, RS. Especialista em Literatura e Cultura Brasileira
e Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP.
Especialista em Cultura e História Indígena e Afro-brasileira pela Ulbra,
Canoas, RS. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade
de Caxias do Sul, RS. Doutorando em Processos Culturais, pela Feevale,
Novo Hamburgo, RS.



Trabalhou como ator, diretor teatral e contador de histórias desde
1983. Possui muitos trabalhos em espetáculos teatrais, TV e rádio. Tem
participação constante em feiras do livro, eventos literários e de contadores
de histórias no Rio Grande do Sul, no Brasil e no exterior.

Em 2011 tornou-se membro da Red Internacional de Cuentacuentos, com sede em Teneri-
fe, Espanha, que reúne contadores de vários países nos cinco continentes. Foi um dos criadores e
coordenadores do Festival de Contadores de Histórias promovido pela Biblioteca Lucília Minssen,
da Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, que acontece desde 2008.

Atualmente é professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental da rede municipal
de Novo Hamburgo, RS. Ministra cursos e palestras de contação de histórias e literatura infantil e
cultura regional.

Informações e Contatos

www.pauloboccanunes.com

pauloboccanunes@pauloboccanunes.com

Obras de Paulo Bocca Nunes:

Para a infância

- Os amigos de Elvira
- Marcos e o monstro
- O construtor de nuvens
- O guardador de estrelas

Poemas

- Serenata serena
- Entre Luas e mares

Contos

- Almas esquivas

Crítica literária

- Literatura infantil contemporânea: capacitadora de leitores críticos

Tradução

- A arte do contador de histórias, de Marie Shedlock

Acesse o site da editora

www.aedoseditora.com

Contatos

aedoseditora@aedoseditora.com

comercial@aedoseditora.com